



RELAÇÕES DE PODER NA ANGOLA INDEPENDENTE: UMA LEITURA DOS ROMANCES DE PEPETELA (1975-2005).

Carolina Bezerra Machado

Universidade Federal Fluminense

lowbezerra@gmail.com

Resumo:

A presente pesquisa traz como proposta analisar as relações de poder que se constituíram em Angola no pós-independência a partir das representações feitas em alguns romances políticos de Pepetela: *O Cão e os Caluandas* (1985), *A Geração da Utopia* (1992), *Desejo de Kianda* (1995) e *Predadores* (2005). Ao destacar um cenário de autoritarismo, clientelismo e patrimonialismo, seus livros fazem parte de uma narrativa crítica acerca do projeto político adotado pelo Estado angolano.

Palavras-chave: Pepetela; Relações de poder; Angola; Representações.

Abstract:

This research brings proposes to analyze the power relations that formed in Angola after independence from the representations made in some political novels Pepetela: *Dog and Caluandas* (1985) *Generation of Utopia* (1992) *Desire to Kianda* (1995) and *Predators* (2005). To highlight an authoritarian scenario, patronage and paternalism, his books are part of a critical narrative about the political project adopted by the Angolan State.

Keywords Pepetela; Power relations; Angola; Representations.

Esta geração realizou parte do seu projeto, a independência. Mas nós lutávamos também pela criação de uma sociedade mais justa e mais livre, por oposição à que conhecíamos sob o colonialismo. Por razões várias (constantes interferências externas, desunião interna e erros de governação), este objetivo não foi atingido e hoje Angola ainda é um país que procura a paz e está destruído, economicamente desestruturado e com uma população miserável, enquanto meia dúzia de milionários esbanja e esconde fortunas no estrangeiro. (BUENO, 2000).

A entrevista concedida por Pepetela ao *Estado de S. Paulo* em 2000 demonstra a sua insatisfação frente a um projeto político, que de acordo com ele não se concretizou. As novas políticas adotadas pelo governo angolano após a independência não trouxeram a liberdade e igualdade social tão almejada antes da independência. A narrativa crítica dos romances do intelectual expõe o quanto os impasses, as decepções e hesitações permaneceram mesmo após a vitória contra o colono, deixando claro os limites do novo regime, que não extinguiu as heranças coloniais. (CHAVES, 1999).

Ao retomar alguns romances de Pepetela para analisarmos a sociedade angolana, é importante deixar claro tanto o envolvimento do escritor com o atual governo, quanto o olhar de sociólogo que movimenta as narrativas dos seus romances. Por mais que seja internacionalmente reconhecido pelo potencial literário de seus livros¹, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido por seu nome de guerrilha – Pepetela – participou ativamente das lutas pela independência do seu país, assim como, posteriormente, também fez parte do ministério do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) até 1982, quando resolveu deixar a política, passando a se dedicar exclusivamente à escrita e às aulas na Universidade Agostinho Neto, onde ocupa a cadeira de sociologia. Portanto, sua escrita se insere nesse espaço, enriquecendo ainda mais a possível análise da sua obra.

Este ponto de vista implica reconhecer a importância intelectual e social de Pepetela para o cenário político e cultural angolano. Embora não sejam autobiográficos, seus livros inúmeras vezes delineiam experiências pessoais que se entrelaçam à História do país. Deste modo, torna-se interessante observar as vicissitudes biográficas do escritor para compreender as representações que foram feitas nos seus romances, considerando a pluralidade de campos em que age o indivíduo, o que Pierre Bourdieu denomina de *ilusão biográfica*. (BOURDIEU, 2006, p.183-191).

Seus romances são interpretados como fundamentais para compreendermos a Angola na sua contemporaneidade. Há em suas narrativas uma profunda análise

¹ Pepetela já recebeu o prêmio de literatura por obras como *Mayombe* e *Yaka*, assim como o prêmio da Associação paulista dos críticos de arte (APCA) pelo livro *Geração da Utopia*; o prêmio da União dos escritores angolanos (UEA); prêmio Camões pelo conjunto de sua obra; o prêmio holandês Prinz Claus, novamente pelo conjunto da obra; o prêmio da Câmara Municipal de Sintra (Portugal); recebe a Ordem de Rio Branco (Brasil) e o prêmio literário de escritor galego universal promovido em Santiago de Compostela.

sobre a vida política do país. Por meio de um posicionamento político de combate, resistência e crítica aos rumos tomados pelos novos dirigentes no período pós-independência, Pepetela problematiza as relações complexas entre o Estado e a sociedade. Ao analisar o governo do MPLA desde a independência do país, seus livros representam o retrato de uma sociedade marcada pela guerra e corrupção, envolvida em uma rede de interesses que dificulta o caminho para uma democracia estável e uma sociedade mais igualitária. Seus personagens ganham grande destaque à medida que se consolida no cenário político angolano um governo forte, de postura política e social autoritária e de abertura para um mercado capitalista.

Escritos a partir do rompimento de Pepetela com o partido em 1982, os romances abordados: *O Cão e os Caluandas*, *Geração da Utopia*, *Desejo de Kianda e Predadores*, dialogam com uma realidade política conflituosa, que evidencia os problemas internos existentes. A formação de um Estado angolano ainda instável, assim como a permanência de uma Guerra civil que adia cada vez mais a promessa de paz no país, constituem o plano de fundo dos romances escolhidos.

O Cão e os caluandas (1985), primeiro livro escrito pelo autor após a sua saída do MPLA, já deixava claro o quanto o incomodava a relação de clientela cada vez mais constante entre a sociedade e o Estado, que por sua vez, se nutria da centralização política característica do modelo político socialista. Através da sua narrativa, o socialismo aparece como retórica, um meio encontrado para o fortalecimento político de poucos, favorecendo um pequeno grupo da elite angolana, que não diferenciava o bem público do bem privado.

Seus romances se voltavam para a crítica ao projeto político desenvolvido em Angola após a independência. *Geração da Utopia* (1992) ^{revela} que a esperança e a utopia de uma sociedade livre após a independência aos poucos davam espaço para as desilusões e incertezas, como exemplifica a passagem abaixo:

O colonialista é colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranqüila do amanhã. Falamos sempre no amanhã. Ontem era a noite escura do colonialismo, hoje é o sofrimento da guerra, mas amanhã será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. Tão eterno que o povo esquece o passado e diz ontem era melhor que hoje. (PEPETELA, 2013. p.169)

O título do livro remete a uma geração que ficou marcada pela busca de uma liberdade que não veio após o fim do colonialismo. É uma geração que se articulou

em torno da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, com o objetivo de lutar, utilizando como arma principal a cultura, contra a presença colonial no território africano. Pepetela contribuiu com alguns contos para a revista *mensagem*, escrita entre 1951 e 1952 e caracterizada pelos embates travados em suas páginas contra o autoritarismo do colonizador europeu. Essa sua experiência permitiu a transformação da casa em um importante cenário de *Geração da Utopia*, um lugar em que as esperanças, os projetos nacionais e as expectativas para uma sociedade melhor e mais justa estavam em ebulição.

Já *Desejo de Kianda* (1995) e *Predadores* (2005), marcam uma narrativa mais ácida em termos de denúncia. O avanço de uma economia de mercado passa a influenciar diretamente as relações da sociedade e do Estado, que é movido pelo poder das classes dominantes. A corrupção se torna presente em diferentes níveis, do macro ao micro. Tanto nas relações interpessoais quanto nas que envolvem a sociedade civil e o Estado, o autoritarismo é evidente.

Construídos em diferentes tempos, seus romances retomam questões centrais para a História angolana na contemporaneidade. Escritos a partir de uma narrativa em movimento, eles exploram os processos históricos recentes que contribuíram para a construção do Estado angolano, assim como para o desenvolvimento da sociedade no decorrer da independência. Na passagem de tempo, característica de seus romances, fica explícita a permanência de um modelo político marcado pelo autoritarismo, que nem mesmo as transições políticas foram suficientes para desenvolver uma mudança

Desta forma, dois momentos são importantes para a análise histórica dos romances políticos do autor: Primeiro, o período da escrita, a partir de 1985, que é um momento em que politicamente Angola está passando por transformações, principalmente no que concerne aos ideais socialistas, que vão sendo aos poucos deixados para trás. É uma fase de transição política – do unipartidarismo ao multipartidarismo – que vai estar presente nas demais narrativas de Pepetela. Aos poucos é tecida uma intensa crítica aos rumos tomados pelos dirigentes políticos e pela elite econômica que se formou em Angola. Caracteriza-se uma sociedade complexa que é tomada pela corrupção. A utopia revolucionária de outrora estava sendo substituída pela burocracia de um Estado patrimonialista e por uma economia de mercado que sublinhava cada vez mais a desigualdade existente no país.

Em outro momento, de forma complementar ao primeiro, é de extrema relevância analisar as representações feitas por Pepetela acerca do momento escolhido para traçar suas narrativas. Seus livros de crítica à política do Estado no pós independência estão demarcados entre os anos de 1961 e 2005. Por meio de um movimento constante, acompanhado a partir da trajetória de vida de um personagem principal, somos envolvidos em uma História da política recente angolana, que aponta para os desvios de um projeto político que foi sonhado anteriormente.

A escolha da literatura como fonte principal do trabalho está amparada sobre uma metodologia que não visa mais as fontes como verdades absolutas, mas como textos a serem interrogados e interpretados, representações historicamente construídas sobre dada realidade, produzidas dentro de processos históricos determinados. Sob esse ponto de vista, a literatura se torna um importante objeto para o historiador, principalmente ao levarmos em consideração as *redes de interlocução* nas quais estão inseridas. Ao relativizarmos a ideia de que a obra literária é expressa através de uma singularidade, compreende-se que ela é “fruto de valores e ideias compartilhadas socialmente”. (CHALHOUB, 1998).

Ressalta-se ainda que a literatura, desde os tempos coloniais se configurou como uma forma de expressão angolana. A formação de uma nova geração de intelectuais a partir da década de 1940 permitiu o aparecimento de uma intensa produção literária de crítica ao autoritarismo do colonizador. Utilizada como arma de combate, afirmava buscar a verdadeira face do homem angolano, que aos poucos era construída em diferenciação ao outro. Do mesmo modo, no período pós-colonial, a preocupação com a formação da identidade nacional continuou, e o otimismo de outrora, com a aproximação da independência, passou a dar espaço novamente para as críticas, e, conseqüentemente, para a desilusão com o novo estado político e social que se formava no país. A literatura de Pepetela está inserida nesse espaço. O comprometimento que a literatura tem com a História do país faz com que ela se torne um importante objeto de pesquisa, principalmente para o historiador que se debruça em compreender a sociedade e política angolana.

Cabe esclarecer também as escolhas que nortearam o interesse pela pesquisa. Primeiro, o porquê do tema, que está relacionado a dois questionamentos fundamentais. A pouca atenção dada às condições políticas que se formaram na Angola pós-independente, sobretudo ao desconsiderar os condicionamentos internos presentes entre a sociedade para os processos políticos que se desenrolaram é

pertinente. Esta relação complexa tem sido abordada como secundária, prevalecendo uma visão que prioriza uma perspectiva que valoriza os condicionamentos externos como principais responsáveis pelos problemas pré e pós independência. Como salienta Bittencourt, esse discurso seria adotado inclusive por políticos do MPLA, que se utilizariam dessa retórica para justificar as dificuldades enfrentadas por seu governo. (BITTENCOURT, 2010. p.2)

Outra grande motivação para a pesquisa é a questão da permanência do autoritarismo do Estado angolano no pós-independência. Embora o discurso do novo Estado estivesse pautado em uma política de maior liberdade à sociedade, novos vínculos de autoridade foram construídos, restringindo a liberdade política e social antes almejada. Por mais que os romances de Pepetela evidenciem também as transições políticas ao longo da História angolana, a estrutura política permanece, mantendo o poder concentrado nas mãos de poucos. Através dos personagens criados por Pepetela, somos envolvidos por uma trama que denuncia um modelo político que facilita as práticas de corrupção, favoritismo, nepotismo e mau caráter, levando a crer que essa seja uma realidade inerente ao sistema político existente.

Se perpetuando no poder desde o momento da independência do país, o MPLA não contribuiu para o fortalecimento de um modelo democrático que descentralizasse o poder e permitisse a liberdade de expressão. Como ressalta Christine Messiant, mesmo após a instauração de um sistema multipartidário, não houve a transição para a democracia em Angola. A intelectual argumenta que o quadro político do Estado até hoje se encontra associado a benefícios de redistribuição – “o que se impõe na prática como modo de acesso aos bens e serviços é, pois, o modo clientelista e não a reivindicação de direitos própria a uma democracia”.(MESSIANT, 2006, p.147.)

Nos mesmos moldes em que se desenvolveram outros países africanos, o Estado angolano surgiu como uma instituição responsável pelo desenvolvimento e modernização, assim como pela criação da nação e da identidade nacional, o que lhe permitiu concentrar o poder à medida que fosse essencial para expulsar o colonizador. No entanto, novas relações de poder foram construídas e transformaram o *Estado-partido* no principal meio para adquirir bens e serviços, em uma lógica clientelista. Em diálogo com esse argumento, Messiant defende que a péssima situação social de Angola não se deve apenas às guerras, é também produto de uma

política de governo, que atrela até mesmo as iniciativas políticas da sociedade civil à figura do partido e do presidente, engrandecendo a sua imagem como benfeitor.²

Sob esta perspectiva, Patrick Chabal destaca em diversos trabalhos as relações que se desenvolveram entre as sociedades e os Estados africanos após a independência que possam ter permitido a formação de um governo *neopatrimonial*, apesar das estruturas políticas formais existentes. Observa-se que a política contemporânea nos Estados africanos está pautada sobre uma complexa rede dividida entre os interesses particulares e do governo, em que a sua legitimidade política estaria baseada na “habilidade dos políticos para alimentar as redes das quais suas posições dependem”.(CHABAL, 2007, p.7)

Nesse sentido, para compreendermos os aspectos políticos que se desenvolveram no pós-independência devemos dar maior atenção ao sistema político que foi formado, em que se construiu uma relação vantajosa entre a sociedade e o Estado. Chabal argumenta que os principais problemas enfrentados pelos africanos estão relacionados com as formas de poder exercido no continente, assim como com as “complexas formas em que a sociedade e a política interagem”. O poder formal, concentrado no Estado e o que denomina de poder informal, baseado nas relações clientelistas e patrimoniais se mesclam e formam o sistema político africano. Para o autor, esse debate é fundamental para compreendermos a legitimação do Estado africano contemporâneo.

No caso de Angola, de acordo com Daniel dos Santos, não podemos falar que houve uma ruptura com o Estado colonial, há a permanência de uma estrutura de poder única, que controla as relações da sociedade angolana, permitindo o aparecimento de determinados grupos que se colocam como intermediários da riqueza e do poder político.(SANTOS, 1995) Para Patrick Chabal, as mudanças ocorridas no regime de Estado angolano “fracassaram em produzir uma transformação sistêmica que reforçasse a institucionalização”, da mesma forma que não possibilitaram um desenvolvimento democrático que pudesse dar espaço para o reconhecimento da sociedade civil. Esta sempre esteve atrelada às benesses do Estado, em torno de um modelo clientelista que deriva do regime patrimonialista, em

² Para mais sobre a relação da sociedade civil ver: MESSIANT, Christine. The Eduardo dos Santos Foundation: or, how Angola`s Regime is taking over civil society. *African Affairs*. 100, 2001. P. 287-309. Neste artigo a autora desenvolve a relação da Fundação Eduardo dos Santos (FESA) com a sociedade, na qual a Fundação com dinheiro provindo dos rendimentos do Estado fornece ajudas e ofertas em nome do presidente, traduzindo bem o poder clientelista.

que “os governantes controlam os recursos do país e deles dispõem de forma a garantir a legitimidade e o apoio necessário para permanecerem no poder”. (CHABAL, 2009).

Em diálogo com estas perspectivas, o interesse da presente pesquisa está concentrado nas representações que Pepetela faz sobre essas relações de poder que se desenvolveram no pós-independência. Compreende-se que suas narrativas constituem uma importante fonte histórica acerca da sociedade angolana. Por representar ainda um destacado ator social, as construções que o escritor faz sobre os rumos tomados pelos dirigentes políticos, mas também por parcela da sociedade que apoia e mantém uma estrutura clientelista com o Estado são importantes para refletirmos sobre a política de Angola.

A máxima de que o autoritarismo só teria sido possível em função do colonialismo – tão logo a independência teríamos um Estado livre e democrático – ou mesmo que o Estado autoritário teria sido exclusivamente uma herança do período colonial – restringindo apenas a fatores externos os problemas internos, logo entra em desalinho às críticas feitas por Pepetela. Mesmo fazendo parte de uma memória individual, sua narrativa dialoga com os anseios, perspectivas e opiniões da sociedade. Os discursos proferidos pelo romancista fazem parte de uma crítica interna que chama a atenção para aqueles que teriam traído a construção da nação e o projeto de uma sociedade democrática e mais igualitária ao privilegiar seus interesses pessoais.

A relevância de seus romances não está somente nas relações de poder que se desenvolvem entre o Estado e a sociedade, mas também entre as mais diversas relações sociais: pai e filho; patrão e empregada; amigos; entre outros. De diferentes formas são representadas as submissões interpostas na sociedade diariamente. Essas referências estão diretamente em diálogo com as relações de poder que se estabeleceram em Angola no pós-independência. Por mais que os discursos tenham sido pautados em valores como a democracia e a liberdade, ainda é evidente a permanência de uma cultura política que estrutura um sistema autoritário. Mesmo após as inúmeras mudanças suscitadas pelo Estado, o partido vai adequando os seus comportamentos às transformações, de modo a encontrar um meio de viabilizar e reproduzir os seus interesses políticos. (CARVALHO, 2012).

Seus romances marcam exatamente as contradições de uma sociedade mergulhada em uma política corrupta, de favorecimentos, pautada pelo clientelismo.

Há referência aos indivíduos predatórios que compõem a sociedade e a devoram, não encontrando limites para a conquista de seus interesses. A participação política, o comprometimento com o partido e a ideologia socialista estão restritos aos interesses pessoais: enriquecimento e poder. Faz do uso da palavra que denomina o título do último livro a ser analisado – *Predadores* – um importante recurso linguístico que associa a arte predatória à destruição da sociedade angolana. Capazes de tudo, esse grupo social emergente destrói todo o sonho de antes, assim como todos os ideais.

A pesquisa ainda está diretamente relacionada com as renovações da História política, que trouxeram novos olhares para as relações de poder existentes na sociedade. Se antes eram fortemente estigmatizadas, a nova historiografia trouxe questões que enriqueceram a análise do político, principalmente ao refletirmos sobre os aspectos culturais para compreender as iniciativas políticas de um determinado grupo. Esse novo modo de ver/fazer a História permite através dos elementos simbólicos a convergência entre história política e cultural, buscando assim, entender os indivíduos como sujeitos históricos. A História política deixa de ser pensada apenas de cima para baixo.

Ao pensarmos na sociedade angolana, as relações políticas que se formaram no pós-independência devem ser trabalhadas para quem da coerção e manipulação. Novas abordagens historiográficas refletem sobre as dificuldades de se pensar os regimes autoritários como produtos sociais. Durante longo tempo as interpretações desses modelos políticos estiveram apegadas às oposições maniqueístas entre *vítima e algoz, opressor e oprimido*, deixando de lado reflexões importantes que revelam a complexidade do político nas sociedades. (ROLLEMBERG e QUADRAT, 2010).

A história contemporânea de Angola esteve sempre condicionada a estudos que priorizavam os fatores externos para os problemas enfrentados na sociedade, ou, quando fugiam desta perspectiva, encontravam nos elementos étnicos a resposta para os conflitos ainda existentes. Como afirma Marcelo Bittencourt, não se pretende minimizar estas questões, que são relevantes para a história do país, mas também não podemos maximizar essas interpretações que acabam deixando de lado os aspectos políticos-ideológicos. Da mesma forma, compreende-se que não podemos colocar em segundo plano as novas relações entre a sociedade e o Estado que se construíram no pós-independência. (BITTENCOURT, 2000).

A história dos países africanos no que se refere aos processos de independência que se seguiram a regimes autoritários, “são explicados ou justificados

por guerras civis, confronto entre etnias, pelo baixo desenvolvimento da educação e pelo apoio das nações mais ricas”. Os africanos teriam sido, nesse cenário, facilmente manipulados por líderes, recebidos como heróis da libertação nacional. (ROLLEMBERG e QUADRAT, 2010. p.25).

Todavia, à luz de novas interpretações, valendo-se de diferentes conceitos, dentre eles o de *cultura política*, a pesquisa tem como objetivo refletir sobre a diversidade que perpassa as dimensões do político. Ao introduzir os ritos, os símbolos e os demais aspectos culturais para a compreensão das questões políticas, ampliou-se as dimensões do político para além das instituições formais existentes. Importa-nos o rico diálogo entre o Estado e a sociedade, como esta apoia, legitima e barganha. Ou seja, importam os modos com que a sociedade se coloca diante do Estado.

O conceito será utilizado aqui como uma proposta de (re) pensar as representações construídas por Pepetela acerca das relações de poder em Angola no pós independência. É válido ainda, refletir como há nos romances do escritor uma rede interdiscursiva que dialoga com uma concepção política nacional existente que critica os desvios do socialismo pelo Estado, assim como as contradições e ineficiências do mesmo. Como destaca Silvio Carvalho, os livros de Pepetela abordam as demandas e alterações que o governo sofreu ao longo dos anos, destacando-se também algumas estruturas políticas que permaneceram e se adequaram à sociedade. (CARVALHO, 2012).

Ao compreender Cultura Política como um conjunto de valores e normas inseridos num determinado grupo e que influenciam na tomada de suas decisões políticas, a presente pesquisa também se valerá das sociabilidades que circundam Pepetela para problematizar os comportamentos políticos do intelectual. Tomar como referência os lugares pelos quais o literato circulou é um importante exercício para nos aproximarmos dos ambientes pelo quais o autor dialogou, e que pôde suscitar as representações que fez do Estado angolano em meio à complexidade política vivenciada pelo país no pós-independência.

O objetivo consiste em partir do ponto de vista do intelectual, considerando as suas vivências, sensibilidades e gostos para compreender seu comportamento político. Deve-se ressaltar que suas motivações políticas podem ser explicadas a partir dos complexos sistemas de representações que estão inseridos em determinado grupo, ou seja, das culturas políticas que integram a sua sociedade. Por isso, a preocupação com os meios sociais por que Pepetela circula, pois são essas *estruturas*

de sociabilidades que integram e interiorizam as culturas políticas. (BERSTEIN,1998).

Compreender esse intelectual e suas atitudes é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Para isso, se buscará penetrar nas suas redes para descobrir através de suas atividades e de suas *sociabilidades* meios que influenciaram na postura política e social encontrada em seus livros. A exploração do campo intelectual se dará então à medida que o autor aqui analisado não se constitui como ator passivo na intervenção política, pelo contrário, exerce através de seus romances uma forte interferência social enquanto (re) constrói personagens caricatos que fazem parte dos grupos sociais e políticos de Angola.

Referências Bibliográficas

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In.: SIRINELLI, Jean François e RIOUX, Jean Pierre. *Para uma história cultural*. Lisboa: editorial Estampa, 1998.

BITTENCOURT, Marcelo. Angola: Tradição, modernidade e Cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco; MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes; RIDENTI, Marcelo (org). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BITTENCOURT, Marcelo. História contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas. *Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. Actas do II seminário Internacional sobre a História de Angola* (04 a 09 de agosto de 1997). Luanda, Comissão Nacional para a comemoração dos descobrimentos portugueses, 2000. P. 161-185.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BUENO, Wilson. “O escritor pode apoiar uma guerra, diz Pepetela”, Caderno 2, *O Estado de S. Paulo*, 11 de junho, 2000.

CARVALHO, Silvio. Predadores: *A escrita de si como subtexto da escrita do outro*. Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

CHABAL, Patrick. O Estado pós-colonial na África de expressão portuguesa. In.: *Revista de estudos guineenses*. Soronda: Instituto nacional de estudos portugueses nº15, 1993.

CHABAL. Las políticas de violência. In: *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, Núm. 6 Abril de 2007, UAM-AEDRI.

CHABAL, Patrick. In Vidal, Nuno & Pinto de Andrade, Justino *Sociedade Civil e Política em Angola, enquadramento regional e internacional*, (Luanda & Lisboa: Universidade de Coimbra & Univ Católica de Angola, 1ª edição, 2008; 2ª ed. 2009)

CHABAL, Patrick.; BIRMINGHAM, D.; FORREST, J, NEWITT, M.; SEIBERT, G e ANDRADE, Elisa S. *A History of Postcolonial Lusophone Africa*. Indiana University Press, 2002.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de Afonso M. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHAVES, Rita. *Pepetela: Romance e Utopia na História de Angola*. Via Atlântica nº2. Jul. 1999. São Paulo: USP.

MESSIANT, Christine. Transição para o Multipartidarismo sem transição para a Democracia. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). *O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola*. Luanda: Firmamento, 2006.

MESSIANT, Christine. The Eduardo dos Santos Foundation: or, how Angola's Regime is taking over civil society. *African Affairs*. 100, 2001.

PEPETELA, *o Cão e os Caluandas*. Lisboa: Dom Quixote, 2006.

PEPETELA. *Desejo de Kianda*. São Paulo: Leya, 1995.

PEPETELA. *Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013.

PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Lingua Geral, 2008.

ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha V. (orgs). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira: 2010.

SANTOS, Daniel dos. A formação do Estado angolano na época da globalização. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. n. 1 (2. sem. 95). —Niterói: EdUFF, 1995.

Carolina Bezerra Machado: Graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); Doutoranda do programa de Pós Graduação em História da UFF.

Artigo recebido para publicação em: janeiro de 2016

Artigo aprovado para publicação em: março de 2016

Como citar:

MACHADO, Carolina Bezerra. Relações de poder na Angola independente: uma leitura dos romances de Pepetela (1975-2005). **Revista Transversos. “Dossiê: Áfricas: História, Literatura e Pensamento Social”**. Rio de Janeiro, Vol. 06, nº. 06, pp. 196-208, Ano 03. mar. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.22085.

